

## I ACTO

*Quarto que até agora continua a chamar-se «das crianças». Uma das portas dá para o quarto de Ánia. Amanhece, dentro em pouco erguer-se-á o sol. Já é Maio, as ginjeiras estão em flor, mas faz frio no pomar — é a geada matinal. As janelas do quarto estão fechadas.*

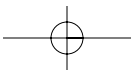
*Entram Duniacha, com uma vela, e Lopákhin, com um livro na mão.*

LOPÁKHIN — Chegou o comboio, graças a Deus. Que horas serão?

DUNIACHA — Quase duas. (*Apaga a vela.*) Já clareia.

LOPÁKHIN — Quanto tempo chegou então atrasado? Duas horas, pelo menos. (*Boceja e espreguiça-se.*) E eu, que parvoíce a minha! Vim de propósito para as ir buscar à estação e acabei por não acordar a tempo... Deixei-me dormir aqui sentado. Que maçada... Bem podias ter-me acordado.

DUNIACHA — Pensei que se tinha ido embora. (*Escuta.*) Devem estar a chegar.



LOPÁKHIN (*escutando*) — Não... Ainda vão tratar da bagagem, mais isto e mais aquilo...

*Pausa.*

Liubov Andréevna viveu cinco anos no estrangeiro, não faço ideia de como estará agora... É boa pessoa. Fácil, simples. Ainda me lembro, eu era um rapazola de quinze anos, e o meu falecido pai — nesse tempo ele tinha uma venda aqui na aldeia — espetou-me uma punhada na cara que me pôs a sangrar do nariz... Nós tínhamos vindo aqui a casa dos fidalgos, e ele estava com os copos. Lembro-me bem: Liubov Andréevna ainda era novinha, magricela, e trouxe-me aqui para este mesmo quarto das crianças, ao lavatório. «Não chores, labreguinho — disse ela —, isto passa...»

*Pausa.*

Labreguinho... É certo que o meu pai era labrego, era um mujique, mas eu, olha só, colete branco e sapatinhos amarelos. Um burro a pão-de-ló... Está bem, sou rico, estou cheio dele, mas pensando bem e a fundo, não passo de um mujique... (*Folheia um livro.*) Cá está, pus-me a ler este livro e não percebi nada. Adormeci a lê-lo.

*Pausa.*

DUNIACHA — Os cães não dormiram toda a noite, sentiam que as donas vinham aí.

LOPÁKHIN — O que tens tu, Duniacha?

DUNIACHA — Tremem-me as mãos. Ainda desmaio.

LOPÁKHIN — És muito fragilzinha, Duniacha. Vestes-te como uma senhorita, o penteado igual. Assim não pode ser. Tens de saber qual é o teu lugar.

*Entra Epikhódov com um ramo de flores; vem de casaco e de botas engraxadas até ao lustro, muito rangentes; ao entrar, deixa cair o ramo.*

EPIKHÓDOV (*apanhando o ramo*) — O jardineiro manda este ramo, diz para o porem na sala de jantar. (*Dá o ramo a Duniacha.*)

LOPÁKHIN — Vai e traz *kvass*\* para mim.

DUNIACHA — Sim senhor. (*Sai.*)

EPIKHÓDOV — Geada, três graus negativos, e as ginjaças todas em flor. Não posso aprovar este nosso clima. (*Suspira.*) Não posso. Este nosso clima não representa efectivamente um contributo favorável. E oiça, Ermolai Alekséitch, permita-me adiantar que comprei anteontem estas botas e as malditas, atrevo-me a assegurar-lhe, rangem de tal modo que não dão qualquer possibilidade. Com que as poderia eu untar?

LOPÁKHIN — Deixa-me em paz. Chato.

EPIKHÓDOV — Todos os dias me acontece uma desgraça qualquer. Não me queixo. Já estou habituado, até sorrio.

*Entra Duniacha, serve kvass a Lopákhin.*

Vou-me embora. (*Esbarra contra uma cadeira, que cai.*) Aqui tem... (*Como que triunfante.*) Como vê, perdoe-me a expressão, é uma das tais circunstâncias que, por assim dizer... Isto chega até a ser notável! (*Sai.*)

\* Bebida fermentada feita à base de pão negro de centeio. (*N. T.*)

DUNIACHA — Sabe, Ermolai Alekséitch, o Epikhódov pediu-me em casamento.

LOPÁKHIN — Ah! Ah!

DUNIACHA — Nem sei como vou... Ele é um homem pacato, só que às vezes, quando se põe a falar, não se percebe nada. Belas palavras, sensíveis, mas incompreensíveis. Eu até gosto um bocadinho dele. Que ele, a mim, adora-me até à loucura. É um homem infeliz, todos os dias lhe há-de acontecer alguma. Gozam com ele, entre nós até lhe chamam: o vinte e dois azares...

LOPÁKHIN (*à escuta*) — Sim sim, parece que estão a chegar...

DUNIACHA — Estão aí a chegar! O que se passa comigo... que estou toda gelada.

LOPÁKHIN — Sim, estão realmente a chegar. Vamos cumprimentá-las. Será que ela me vai reconhecer? Estivemos cinco anos sem nos vermos.

DUNIACHA (*emocionada*) — Ai que eu caio... Ah, que eu vou cair!

*Ouvem-se duas carruagens a aproximarem-se da casa. Lopákhin e Duniacha saem rapidamente. Palco vazio. Das salas vizinhas começam a chegar barulhos. Firss, que tinha ido buscar Liubov Andréevna, passa pelo palco apressadamente, apoiando-se à bengala; usa libré à moda antiga e cartola; resmunga qualquer coisa para os seus botões, mas é impossível perceber-se uma única palavra. Por trás do palco, o barulho aumenta. Uma voz: «Vamos por aqui...» Entram Liubov Andréevna, Ánia e Charlotta Ivánovna com um cãozinho preso por uma corrente, vestidas com fatos de viagem. Vária, de sobre-*

*tudo e lenço na cabeça, Gáev, Simeónov-Píchik, Lopákhin, Duniacha com uma trouxa e um guarda-chuva, os criados com a bagagem — todos atravessam o quarto.*

ÁNIA — Vamos por aqui. Mamã, lembras-te que quarto é este?

LIUBOV ANDRÉEVNA (*alegremente, com lágrimas na voz*) — O das crianças!

VÁRIA — Que frio, tenho as mãos geladas. (*Para Liubov Andréevna.*) Os seus quartos, mãezinha, o branco e o violeta, estão tal e qual como os deixou.

LIUBOV ANDRÉEVNA — O quarto das crianças, meu lindo, meu querido quarto... Dormia aqui quando era pequena... (*Chora.*) E agora é como se fosse pequena... (*Beija o irmão, depois Vária, depois outra vez o irmão.*) A Vária está na mesma, parece uma freira. Também reconheci logo a Duniacha... (*Beija Duniacha.*)

GÁEV — O comboio chegou com duas horas de atraso. Vejam só, vejam-me só que organização!

CHARLOTTA (*para Píchik*) — O meu cão come também avelãs.

SIMEÓNOV-PÍCHIK (*surpreendido*) — Imaginem só!

*Saem todos, excepto Ánia e Duniacha.*

DUNIACHA — Nós à espera, à espera... (*Tira o sobretudo e o chapéu a Ánia.*)

ÁNIA — Na viagem, passei quatro noites seguidas em branco... e agora apanhei tanto frio.

DUNIACHA — As senhoras partiram daqui por alturas da Quaresma, nevava, estava frio, e agora? Minha queri-